

O GRUPO DE PALMELA NO QUADRO DA CERÂMICA CAMPANIFORME EM PORTUGAL

Joaquina Soares

e Carlos Tavares da Silva

Nestes últimos anos, pela observação da estratigrafia dos povoados de Vila Nova de S. Pedro, Zambujal e Rotura, tornou-se possível identificar no Calcolítico da Estremadura três grandes horizontes:

— *O Horizonte dos Copos Canelados* (c. de 2700 a 2500 a.C.), correspondente às primeiras manifestações metalúrgicas provenientes do Mediterrâneo Oriental. Encontra-se representado nos níveis inferiores de povoados de cumeada (Vila Nova de S. Pedro I, Rotura, Zambujal, Lexim, Pedrão) por objectos de carácter exógeno (cerâmica decorada por caneluras pouco profundas e possuindo um engobe castanho, cuja principal forma é o «copo canelado»; pontas de flecha de base côncava de tipo «mitriforme»; «ídolos de cornos») que aparecem associados a elementos culturais de tradição dolménica (cerâmica lisa, placas de xisto gravadas). Algumas *tholoi* (Pai Mogo, por exemplo) teriam sido construídas nesta fase. Alguns dólmenes, grutas artificiais e grutas naturais são reutilizados com fins funerários.

— *O Horizonte da Cerâmica Decorada por Folhas de Acácia* (cerca de 2500 a 2000 a.C. — C14 para a fase de construção 2b do Zambujal: 4270 ± 55 B.P.), caracterizado pelo desenvolvimento da metalurgia do cobre como consequência de novos contactos com o Mediterrâneo Oriental e com o Sudeste de Espanha (Los Millares). Alguns dos povoados do Horizonte dos Copos Canelados atingem nesta segunda fase grande desenvolvimento (outros são abandonados, como o Pedrão para, eventualmente, voltarem a ser ocupados durante o Horizonte Campaniforme), sendo, por vezes, rodeados de complexos sistemas defensivos (Vila Nova de S. Pedro, Zambujal), facto que testemunha uma situação social pouco estável; os testemunhos da prática da metalurgia do cobre e os utensílios de cobre aumentam; o fabrico de objectos de osso adquire notável perfeição, destacando-se espátulas, alfinetes de cabeça espatulada e pequenos recipientes cilíndricos por vezes decorados; a cerâmica mais característica é constituída por potes esféricos e vasos cilíndricos com decoração estampilhada cujos motivos lembram as folhas das acácias. É provável que a maior parte das *tholoi* tenha sido construída durante esta fase.

— *O Horizonte Campaniforme* (c. de 2000 a 1500/1300 a.C.).

OS GRUPOS DO CAMPANIFORME PORTUGUÊS

O *Horizonte Campaniforme*, longe de ser homogéneo e de se identificar completamente com o chamado Campaniforme de Palmela, como até há pouco era considerado, é decompontível em três grupos principais tal como é possível concluir da análise tipológica e quantitativa dos materiais campaniformes provenientes das principais jazidas portuguesas (fig. 1).

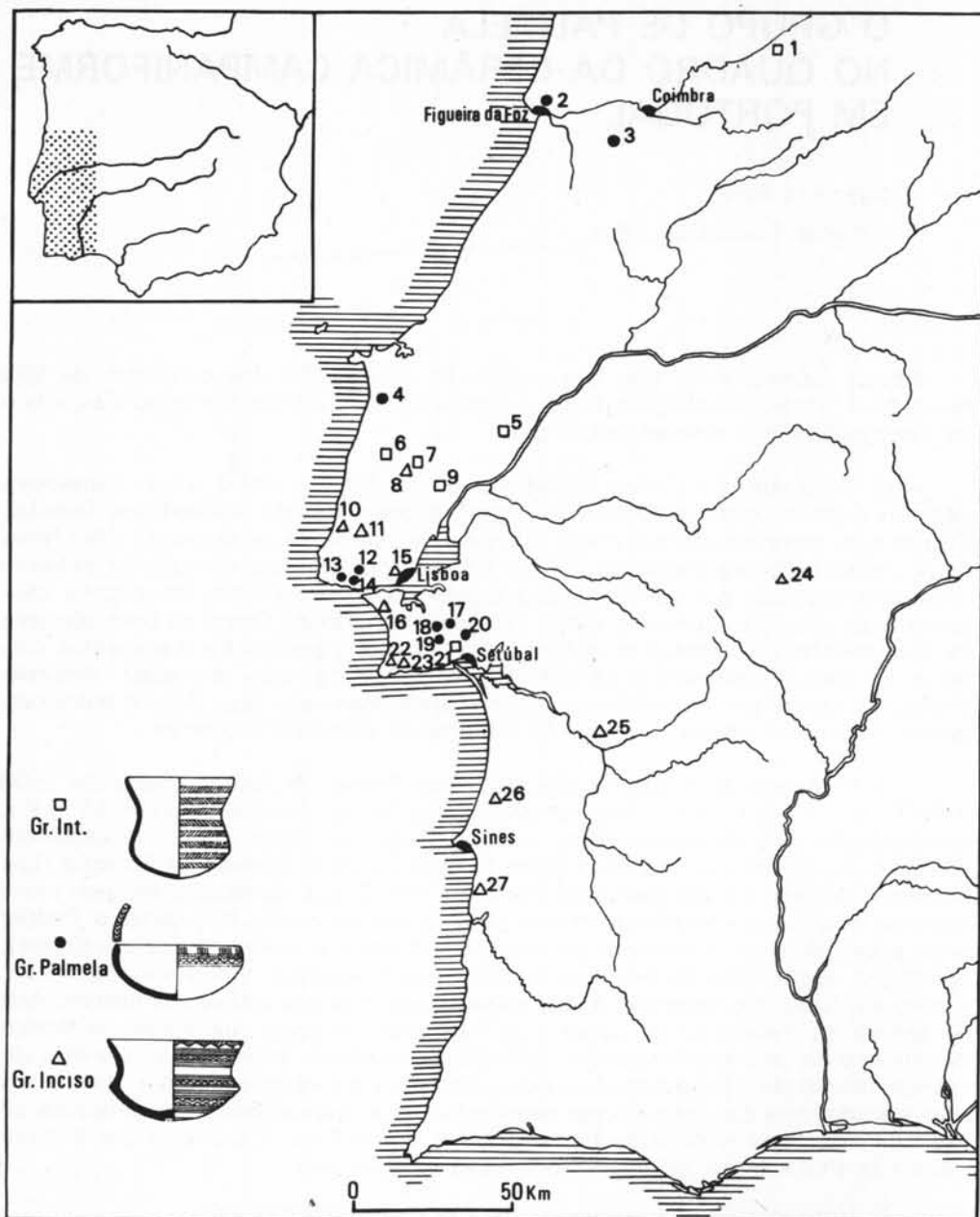


Fig. 1 - Repartição das jazidas mais representativas dos grupos do Horizonte Campaniforme. Grupo Internacional: 1- dólmen de Coitepa; 5 - Vila Nova de S. Pedro; 6 - Zambujal; 7 - Penedo; 9 - Pedra do Ouro; 21 - Rotura. Grupo de Palmela: 2- dólmen de Cabeço de Moinhos; 3 - abrigo da Eira Pedrinha; 4 - tholos de Pai Mogo; 12 - grutas artificiais de Alapraia; 13 - grutas artificiais de S. Pedro do Estoril; 14 - Parede; 17 - grutas artificiais de Palmela; 18 - Malhadas; 19 - moinho da Fonte do Sol; 20 - Pedrão. Grupo Inciso: 8 - gruta da Cova da Moura; 10 - gruta do Fojo dos Morcegos; 11 - Negrals; 15 - Montes Claros; 16 - Miradouro dos Capuchos; 22 - Lapa do Bugio; 23 - Lapa do Fumo; 24 - dólmen de Casas do Canal; 25 - Barrada do Grilo; 26 - dólmen da Pedra Branca; 27 - Vale Vistoso

O vaso campaniforme internacional ou marítimo, decorado por bandas horizontais preenchidas por traços oblíquos, de técnica pontilhada, ocorre principalmente na Estremadura, predominando nos níveis superiores dos povoados fortificados que se comportaram como importantes centros da metalurgia do cobre durante o Calcolítico médio (Vila Nova de S. Pedro, Zambujal, Rotura). Com a mesma distribuição aparece uma caçoila caracterizada por um bojo baixo e arredondado que se liga ao colo através de um ressalto (fig. 2, 2) e decorada por motivos compostos (triângulos, ziguezagues) executados segundo a técnica do pontilhado; o vaso internacional e esta caçoila apresentam em geral pasta de textura fina e superfícies polidas ou engobadas. Nesses povoados a taça tipo Palmela escasseia notoriamente.

De salientar que o campaniforme internacional parece representar uma intrusão nessas antigas «feitorias», surgindo, como já se disse, apenas nos níveis correspondentes à fase de decadência e não acusando quer na morfologia quer na temática e técnicas decorativas indícios claros de filiação nas cerâmicas dos níveis calcolíticos anteriores.

O campaniforme internacional, pontilhado, não surge a sul da Península de Setúbal. A norte da Estremadura, até à Galiza, é conhecido em alguns pontos quer do litoral (Mamoia de Guilhabreu — Minho —, Dólmen de Gonfinhães — Minho) quer do interior (Dólmen de Coitena — Oliveira do Hospital). Tanto na Mamoia de Guilhabreu como no Dólmen de Oliveira do Hospital não surgiu espólio metálico atribuível ao Campaniforme.

A taça tipo Palmela, pontilhada e de lábio decorado, embora apareça em muitos casos misturada com campaniforme internacional e inciso, tem a sua maior incidência em pequenos povoados que estiveram desocupados durante o Calcolítico médio (Pedrão, Moinho da Fonte do Sol, Malhadas, Parede), situados nas penínsulas de Setúbal e de Lisboa. Juntamente com a taça tipo Palmela surgem frequentemente outras formas cerâmicas de carácter regional decoradas segundo a técnica do pontilhado.

Existe um terceiro estilo de cerâmica campaniforme em que a decoração é incisa, a temática afim da de Ciempozuelos e cujas formas mais características são a taça de bordo espessado internamente, cujo lábio, plano e decorado, forma frequentemente com a parede interna do vaso uma aresta viva e saliente (tipo morfológico ausente no grupo de Ciempozuelos) e a caçoila de bojo acentuadamente carenado (fig. 3).

Este estilo é exclusivo de algumas jazidas: povoados sem apreciáveis condições naturais de defesa (Barrada do Grilo — Torrão do Alentejo —, Vale Vistoso — Sines), dólmenes das Casas do Canal (Estremoz) e da Pedra Branca (Melides). Neste último dólmen a cerâmica incisa surgiu associada à ponta de flecha de cobre tipo Palmela e ao braçal de arqueiro em duas sepulturas individuais de tipo «fossa» correspondentes a uma reutilização do monumento funerário.

No que se refere às jazidas onde o campaniforme inciso aparece misturado com os outros estilos de cerâmica campaniforme, é de salientar o facto de aquele predominar largamente sobre estes em alguns povoados da região de Lisboa (Miradouro dos Capuchos, Montes Claros e Negrals) e na maior parte das grutas naturais da Estremadura (Lapa do Fumo, Lapa do Bugio, Fojo dos Morcegos).

A cerâmica campaniforme incisa é a que atinge maior expansão para Sul e Este da Estremadura.

Não obstante a escassez de elementos de datação, a estratigrafia da Rotura, que abrange o Calcolítico inferior, médio (com cerâmica do tipo «folha de acácia») e superior (com cerâmica «folha de acácia» em decadência e vaso campaniforme

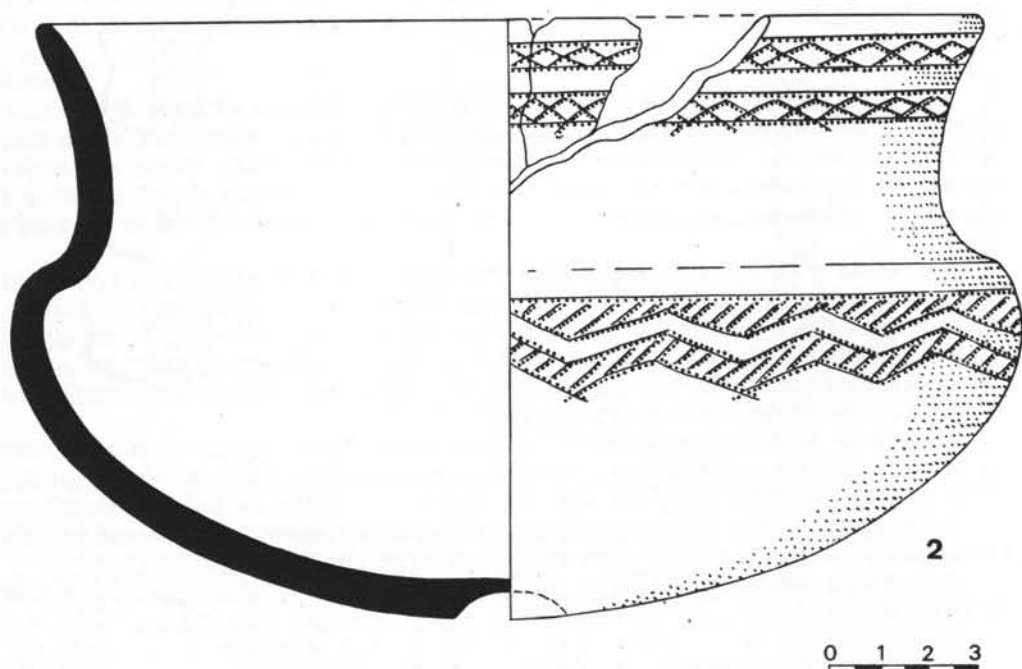
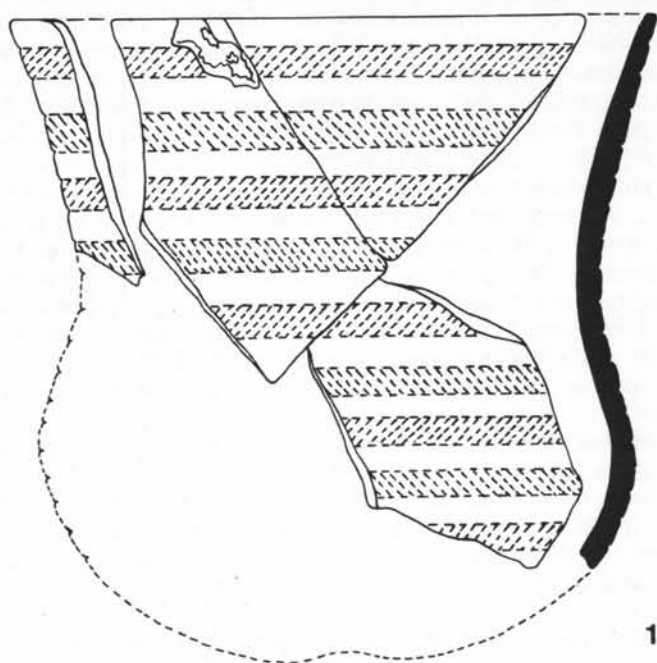


Fig. 2 - Vaso e caçoila do Grupo Internacional (seg. PAÇO, Afonso do 1964)

internacional), e o estudo das ocupações calcolíticas do Pedrão, povoado situado apenas a 500 metros da Rotura, no qual não surgiu «folha de acácia» e onde é abundante a taça tipo Palmela pontilhada, levou-nos a pôr a hipótese de a taça tipo Palmela pontilhada ter surgido, pelo menos na região de Setúbal, numa fase posterior

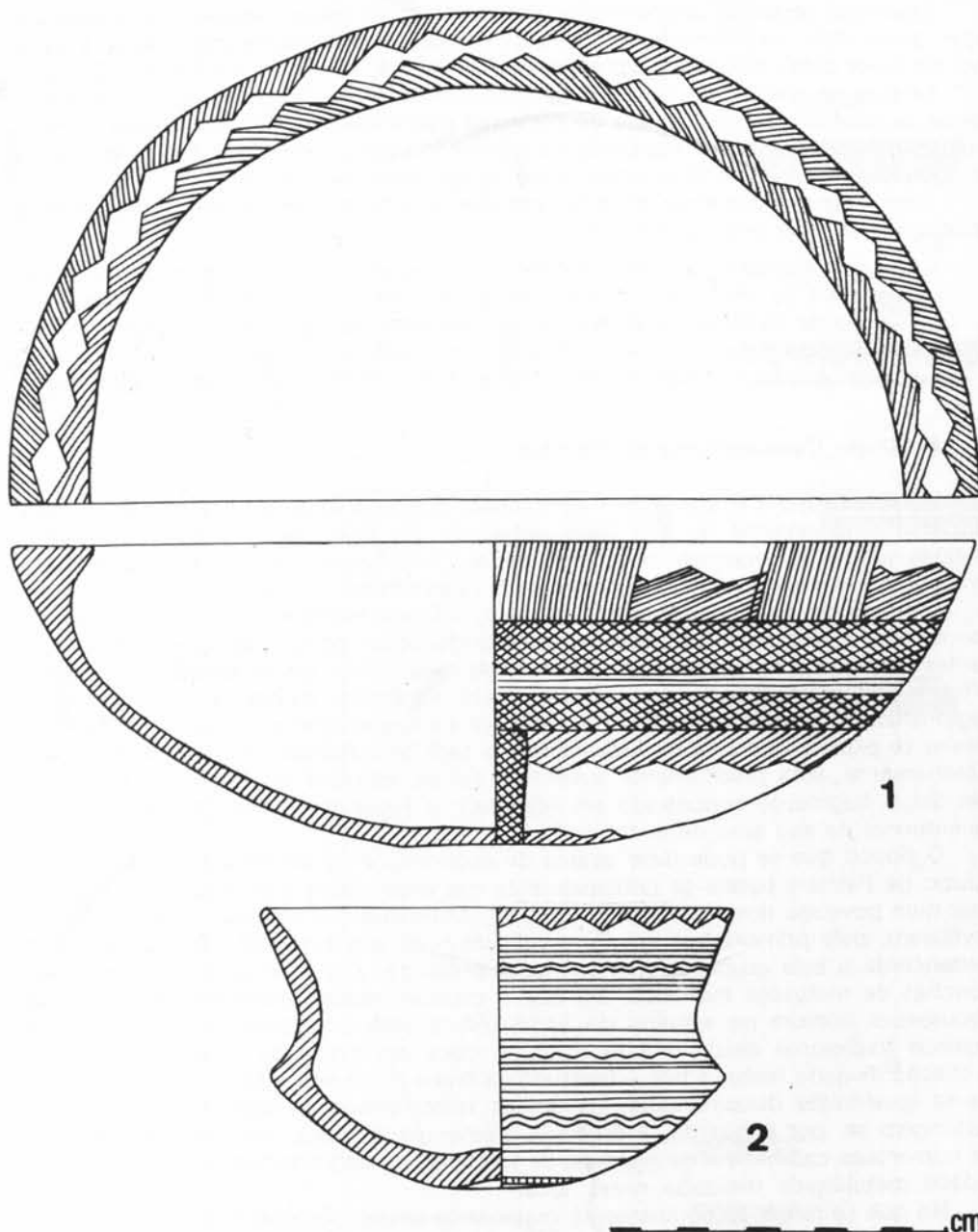


Fig. 3 - Taça de lábio decorado e caçoila do Grupo Inciso (seg. VEIGA FERREIRA, O. da et al, 1975)

à do vaso internacional, quando já se não fabricava cerâmica decorada por «folha de acácia». A primeira fase do Horizonte Campaniforme seria caracterizada pelo aparecimento, talvez por via exógena, do campaniforme internacional, numa altura em que nesta região ainda estava em uso, mas já em decadência, a cerâmica de tipo «folha de acácia».

Quanto à cerâmica campaniforme incisa, talvez de maior longevidade, é possível que tenha sido parcialmente contemporânea do campaniforme pontilhado. Parece vir em favor desta hipótese a estratigrafia do Cerro de la Virgen, em Orce — Granada (C. 14 para os níveis com cerâmica campaniforme: 3920 ± 35 B.P. a 3800 ± 35 B.P.), onde se verificou a coexistência de cerâmica pontilhada e incisa nos níveis campaniformes inferiores e uma regressão do pontilhado até ao seu total desaparecimento e completo domínio do inciso nos níveis campaniformes superiores.

Com base nas observações atrás referidas, dividimos o Horizonte Campaniforme português em três grupos principais:

- *Grupo Internacional*, correspondente à chegada do vaso campaniforme internacional às «feitorias» calcolíticas, já em decadência, da Estremadura;
- *Grupo de Palmela*, resultante de um processo de regionalização, com a aplicação da técnica campaniforme a formas cerâmicas locais;
- *Grupo Inciso*, correspondente à chegada de influências da Meseta Espanhola.

O Grupo Campaniforme de Palmela

Com o Grupo Campaniforme de Palmela o povoamento parece tornar-se mais disperso relativamente ao das fases anteriores do Calcolítico. Nos arredores das antigas «feitorias» nascem novos povoados, situando-se em colinas com boas condições naturais de defesa e dominando vales férteis.

O fulcro do Grupo de Palmela, ou seja, o litoral estremenho, coincide precisamente com a área de distribuição das antigas «feitorias» do Calcolítico médio, importantes centros comerciais que, na sua fase de decadência, teriam recebido o campaniforme internacional. A partir deste estilo cerâmico e por um processo de regionalização ter-se-ia originado a cerâmica campaniforme do Grupo de Palmela. Assim se explica que fora da Estremadura a taça tipo Palmela pontilhada escasseie notoriamente: está praticamente ausente a sul do estuário do Sado (exceptuando um único fragmento encontrado em Aljustrel); a Figueira da Foz constitui o limite setentrional da sua área de distribuição.

O pouco que se pode dizer acerca da economia e do equipamento material do Grupo de Palmela baseia-se principalmente nas escavações que temos vindo a realizar num povoado dos arredores de Palmela (Malhadas — Cabanas). Esses trabalhos revelaram, pela primeira vez em Portugal, um nível arqueológico não contaminado pertencente a este grupo campaniforme. A presença, nas Malhadas, de numerosas conchas de moluscos marinhos, em que a espécie melhor representada é a *Tapes decussatus*, comum no estuário do Sado, indica uma actividade de recollecção de marisco tradicional desde o Mesolítico. A caça era praticada (coelho e veado). A criação de gado (cabra e boi — o estudo da fauna ainda não está concluído) encontra-se igualmente documentada. Os únicos testemunhos da prática da agricultura restringem-se, por enquanto, a escassos elementos de foice, em sílex. A presença de numerosos cadinhos e de resíduos de fundição do cobre testemunham uma actividade metalúrgica realizada nesse local.

No que se refere ao equipamento material da população que habitou o povoado das Malhadas, a cerâmica é o documento mais importante. A forma mais comum de cerâmica lisa é a taça em calote de esfera, quer com o bordo inclinado para o exterior quer com o bordo levemente reentrante (fig. 4, n.ºs 1-4). Uma outra forma também

LISA

DECORADA

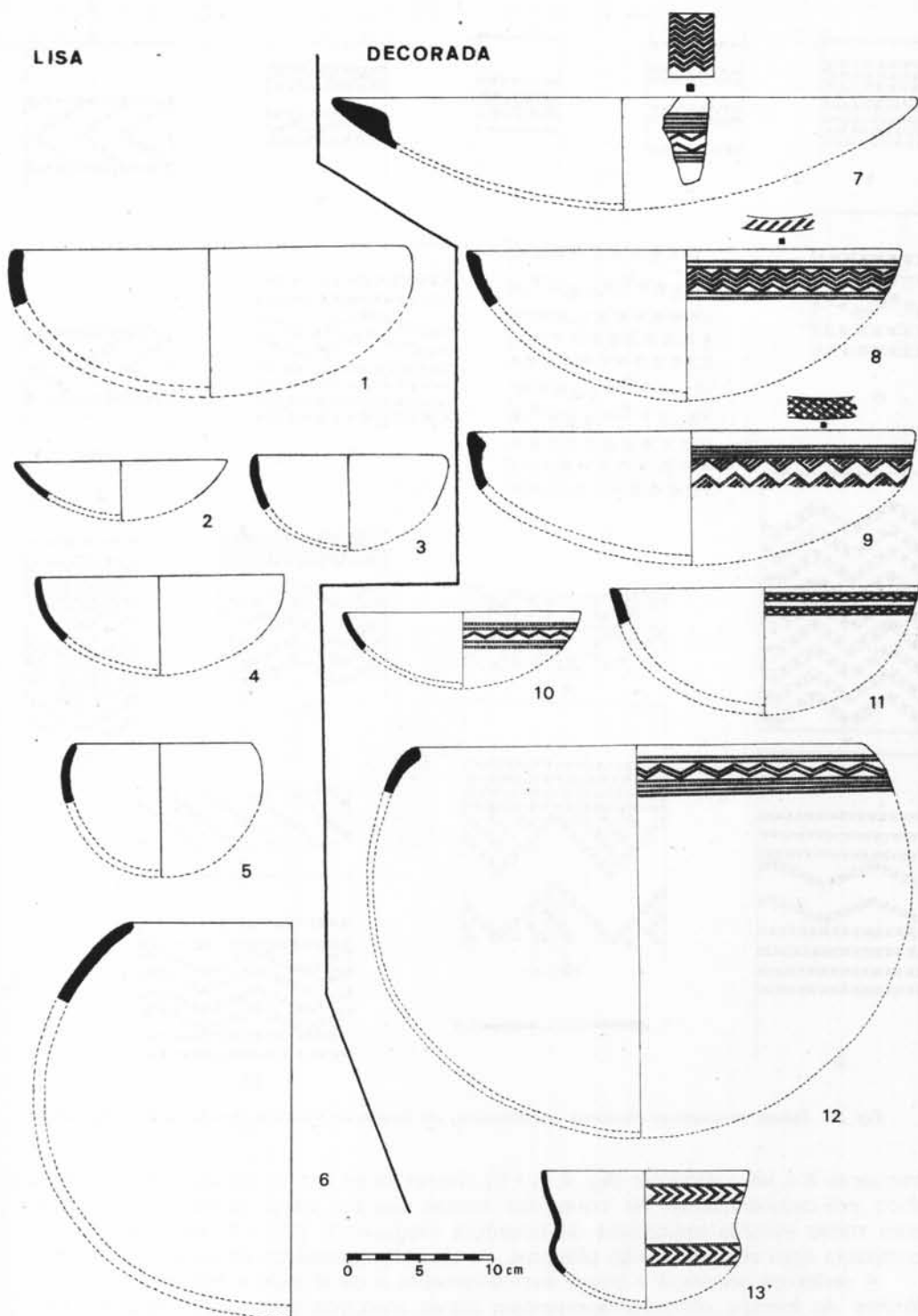


Fig. 4 - Cerâmica do Grupo de Palmela (povoado das Malhadas)

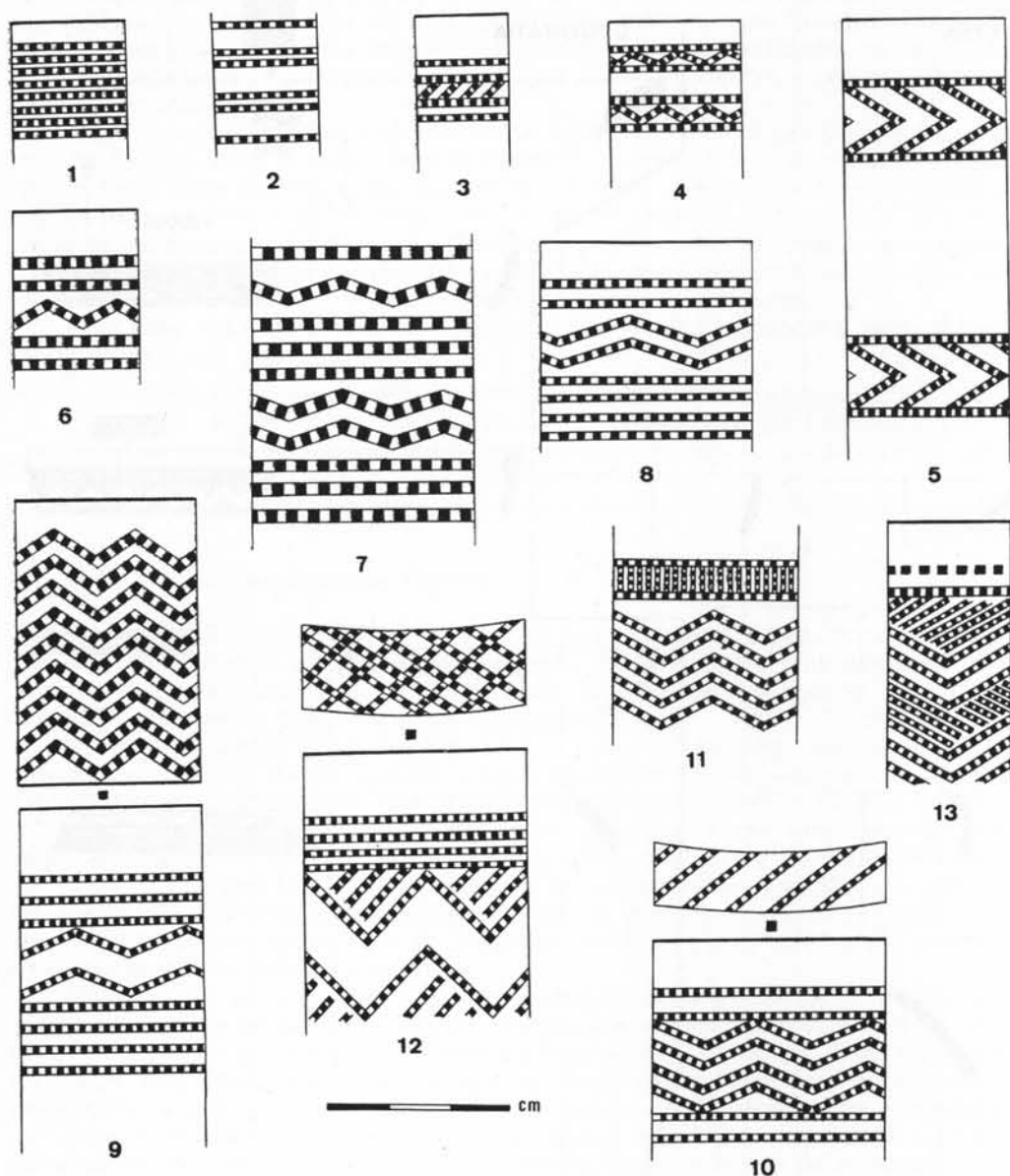


Fig. 5 - Temas decorativos (lineares-pontilhados) do Grupo de Palmela (povoado das Malhadas)

frequente é o vaso globular (fig. 4, n.º 6). Todas estas formas existiam já no Calcolítico pré-campaniforme. As cores das pastas são em geral castanho-amareladas com zonas escuras indicativas de cozedura irregular. A pasta é geralmente semi-compacta com elementos não plásticos, de quartzo, grosseiros (maiores que 1 mm).

A cerâmica decorada é quase exclusivamente a de técnica e temática campaniformes. As formas, contudo, apresentam claras analogias com as da cerâmica lisa. Exceptuando a caçoila (fig. 4, n.º 13), que é abundante, e escassos fragmentos talvez pertencentes a vasos campaniformes, as restantes formas são, de um modo geral,

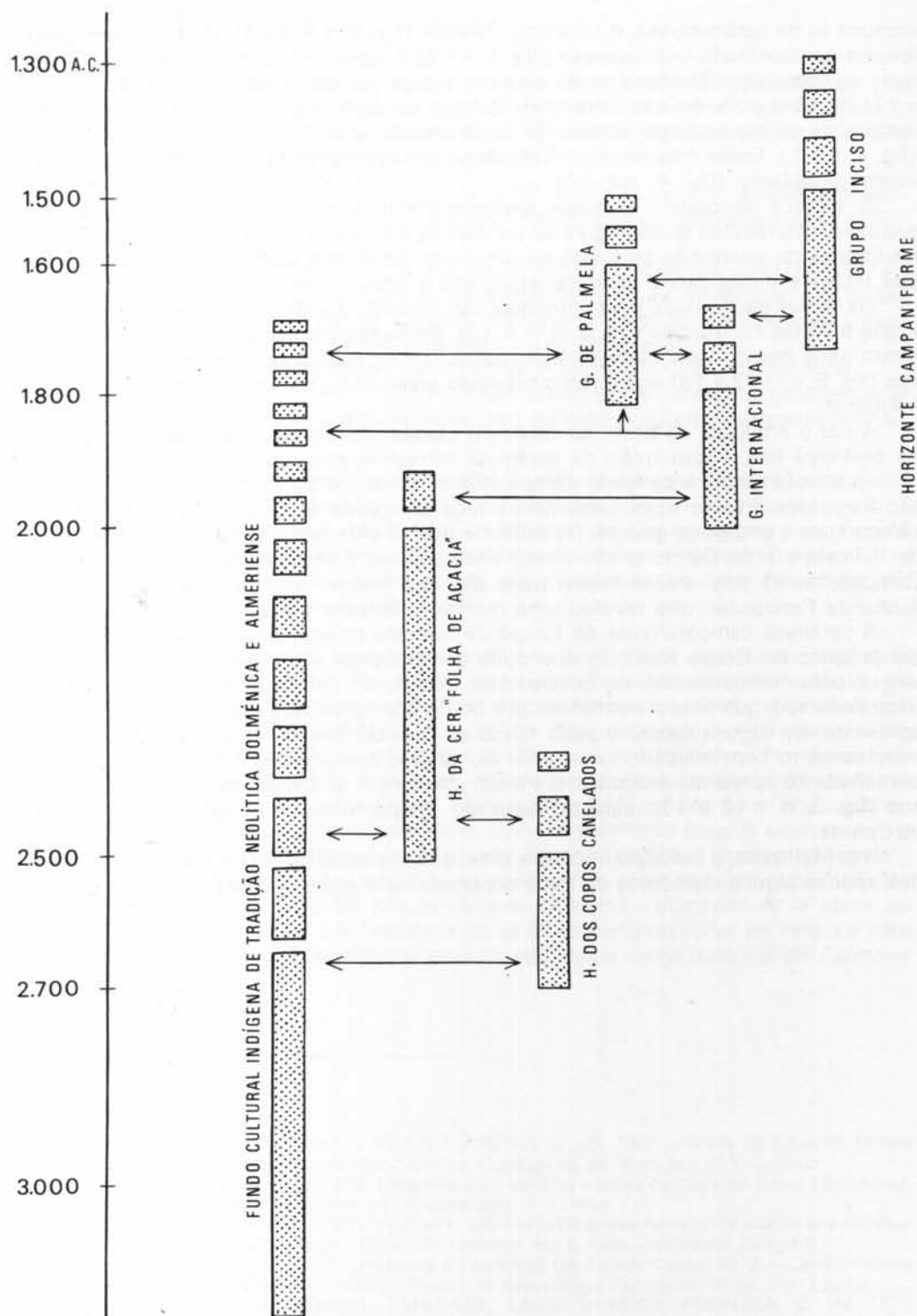


Fig. 6 - Horizontes e grupos do Calcolítico da Estremadura

comuns às da cerâmica lisa. A taça tipo Palmela (fig. 4, n.ºs 8 e 9), de bordo em geral levemente espessado internamente (fig. 4, n.º 8) é, sem dúvida, o recipiente cerâmico mais característico. Também muito comum, a taça em calote esférica (fig. 4, n.ºs 10 e 11) de lábio convexo não decorado. O estilo decorativo campaniforme surge ainda em pratos de bordo largo, espessado internamente e com decoração sobre o lábio (fig. 4, n.º 1), forma frequente no Calcolítico pré-campaniforme, e ainda em grandes vasos globulares (fig. 4, n.º 12).

A técnica decorativa é quase exclusivamente linear-pontilhada, formada por pequenas impressões quadrangulares ou rectangulares existentes no fundo de sulcos resultantes da impressão profunda de um pente de dentes curtos. A técnica decorativa incisa é muito rara e aparece associada à linear-pontilhada.

Os temas decorativos predominantes são constituídos pela associação do zigue-zague a linhas horizontais (fig. 5, n.ºs 6-10). Estão também presentes, embora raros, temas afins dos do vaso internacional (fig. 5, n.º 3), bem como temas mais complexos (fig. 5, n.ºs 12 e 13) nos quais o triângulo preenchido por traços oblíquos é muito frequente.

A cor e a textura da pasta da cerâmica campaniforme são muito semelhantes às da cerâmica lisa. A produção da cerâmica campaniforme deve, portanto, ser local.

As relações entre a cerâmica campaniforme do Grupo de Palmela e a de Carmona são flagrantes: muitos tipos, incluindo a taça em calote esférica de lábio decorado, são comuns a ambos os grupos. De salientar que as afinidades culturais entre a região de Palmela e a de Carmona são muito anteriores ao Calcolítico superior (Horizonte Campaniforme) pois ambas fazem parte de uma mesma grande área geográfica, o Sudoeste Peninsular, que revelou uma marcada unidade cultural desde o Neolítico.

A cerâmica campaniforme do Grupo de Palmela possui também alguns elementos próprios do Grupo Inciso, o que pode corresponder a um fenómeno de coexistência, pelo menos parcial, na Estremadura. Assim, no Grupo de Palmela, a taça de lábio decorado, que possui normalmente o bordo com um suave espessamento interno, apresenta, em alguns casos, o perfil típico da taça do Grupo Inciso, isto é, com um espessamento bem marcado no interior do bordo; existem casos em que a técnica pontilhada se apresenta associada à incisa; conhecem-se temas decorativos complexos (fig. 5, n.ºs 12 e 13), característicos do Grupo Inciso mas executados através do pente.

Nas Malhadas, a indústria lítica, em sílex, é muito escassa: foram até agora recolhidos apenas alguns elementos de foice denticulados e poucos subprodutos do talhe.*

* Comunicação apresentada ao IX.º Congresso Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas, Nice, 13-18 de Setembro de 1976.

Ces dernières années, par l'observation de la stratigraphie des habitats de Vila Nova de S. Pedro, Zambujal et Rotura, il est redevenu possible d'identifier dans le Chalcolithique de l'Estremadura, province où la céramique campaniforme atteint son plus grand développement, trois grands horizons:

- L'Horizon des Coupes Canelées (de 2.700 à 2.500 av. J.C. environ) correspondant aux premières manifestations métallurgiques originaires de la Méditerranée Orientale;
- L'Horizon de la Céramique Décorée de Feuilles d'Acacias (de 2.500 à 2.000 av. J.C. environ) caractérisé par le développement de la métallurgie du cuivre comme la conséquence de contacts renouvelés avec la Méditerranée Orientale et avec le Sud-est de l'Espagne (Los Millares);
- et l'Horizon Campaniforme (de 2.000 à 1.500/1.300 av. J.C. environ).

Plus récemment, les auteurs, basés sur des analyses de caractère typologique et statistique et sur des fouilles personnelles, ont partagé l'Horizon Campaniforme en trois groupes principaux:

- Le Groupe International correspondant à l'arrivée du vase campaniforme international dans les «comptoirs» du Chalcolithique déjà en décadence;
- Le Groupe de Palmela, résultant d'un procédé de régionalisation avec l'application à des formes locales de la technique décorative campaniforme;
- Le Groupe du Campaniforme Incisé qui paraît correspondre à l'arrivée des influences de la Meseta espagnole.

Le Groupe de Palmela (récemment isolé en stratigraphie par les auteurs dans l'habitat de Malhadas — Palmela) aurait donc surgi dans la seconde période du Campaniforme, par la décadence définitive des anciens «comptoirs» et le développement des populations indigènes. L'occupation s'est dispersée sur de nombreuses collines avec bonnes conditions naturelles de défense, et situés dans les régions de l'Estuaire du Tage et du Sado. L'activité métallurgique (apparition de creusets), la pratique de la récolte de coquillages, l'élevage et l'agriculture sont documentés. L'outillage lithique se trouve presque absent. Dans la céramique lisse, la tasse en forme de calotte sphérique prédomine. La céramique décorée se réduit presque seulement au campaniforme avec la décoration linéaire pointillée avec des impressions faites surtout au peigne; les écuelles campaniformes richement décorées et la tasse au bord décoré (type Palmela) sont abondantes et le vase international est rare. La pâte est en général grossière. Les affinités avec la céramique campaniforme de Carmona sont flagrantes.

BIBLIOGRAFIA

- BELO, Ricardo, TRINDADE, Leonel e VEIGA FERREIRA, O. da. 1961 — Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XLV, Lisboa.
- CUNHA SERRÃO, Eduardo da — 1959. Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Lisboa.
- CUNHA SERRÃO, E. da e PRESCOTT VICENTE, 1956 — Note préliminaire sur la station eneolithique de Negrais, *Actas do IV Congr. Intern. de Ciências Pré e Proto-históricas*, Zaragoza.
- FARINHA DOS SANTOS, SOARES, Joaquina e TAVARES DA SILVA, Carlos, 1972 — Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão — Vale do Sado). *O Arqueólogo Português*, VI (S. III), Lisboa.
- GALLEY, Gretel, SPINDLER, Konrad, TRINDADE, Leonel e VEIGA FERREIRA, O. da, 1973 — *O Monumento Pré-Histórico do Pai Mogo (Lourinhã)*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

- GUILAINE, J., 1974 — La civilisation des vases campaniformes dans le Midi de la France, *Glockenbecher Symposium*, Oberried.
- JALHAY, Eugénio e PAÇO, Afonso do, 1941 — A gruta II da Necrópole de Alapraia, *Anais da Academia Portuguesa da História*, IV, Lisboa.
- JALHAY, E., PAÇO, A. do e RIBEIRO, L., 1944 — Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto), *Boletim Cultural e Estatístico da Câmara Municipal de Lisboa*, 20-21, Lisboa.
- LEISNER, Georg e Vera, 1955 — *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*, Lisboa.
- LEISNER, Vera, PAÇO, Afonso do e RIBEIRO, Leonel, 1964 — *Grutas Artificiais de S. Pedro do Estoril*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- LEISNER, Vera e SCHUBART, Hermanfried, 1966 — Die Kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro/Portugal, *Madri der Mitteilungen* 7, Heidelberg.
- LEISNER, Vera, ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1961 — Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme, *Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal*, 8 (Nova Série), Lisboa.
- L'HELGOUACH, J., 1974 — Les relations entre le groupe des vases campaniformes et les groupes néolithiques dans l'Ouest de la France, *Glockenbecher Symposium*, Oberried.
- MARQUES, Gustavo, 1971 — Fojo dos Morcegos - Assafora (Sintra), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Coimbra.
- MENDES CORRÊA, António e TEIXEIRA, Carlos, 1949 — *A Jazida Pré-Histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- MONTEIRO, R., ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1971 — Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio (Azóia, Sesimbra), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Coimbra.
- PAÇO, Afonso do, 1964 — Castro de Vila Nova de S. Pedro. O problema campaniforme, *Anais da Academia Portuguesa da História*, 14 (II Série), Lisboa.
- PAÇO, Afonso do, 1964 — *Povoado Pré-Histórico da Parede (Cascais)*, Câmara Municipal de Cascais.
- SANGMEISTER, E., 1974 — Das verhältnis der Glockenbecherkultur zu den einheimischen Kulturen der Iberischen Halbinsel, *Glockenbecher Symposium*, Oberried.
- SAVORY, H. N., 1970 — A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959), *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa.
- SCHULE, W., 1974 — Die frühmetallzeitliche Siedlung auf dem Cerro de la Virgen in Orce (Granada), *Glockenbecher Symposium*, Oberried.
- SOARES, Joaquina, BARBIERI, Nuno e TAVARES DA SILVA, Carlos, 1972 — Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo, Palmela), *Arqueologia e História*, IV, (S. 9), Lisboa.
- SOARES, Joaquina e TAVARES DA SILVA, Carlos, 1975 — A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*, I, Setúbal.
- SOARES, Joaquina e TAVARES DA SILVA, Carlos, 1976-77 — Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo, Sines), *Setúbal Arqueológica*, II-III, Setúbal.
- SPINDLER, Konrad, 1975 — Bemerkungen zu einigen portugiesischen Glockenbecherfunden, *Madri der Mitteilungen*, 16, Heidelberg.
- SPINDLER, Konrad e TRINDADE, Leonel, 1970 — A póvoa eneolítica do Penedo (Torres Vedras), *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, Carlos, 1971 — O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Coimbra.
- VEIGA FERREIRA, O. da, 1966 — La culture du vase campaniforme au Portugal, *Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal*, 12 (N. S.), Lisboa.
- VEIGA FERREIRA, O. da e TAVARES DA SILVA, Carlos, 1970 — A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa.
- VEIGA FERREIRA, O. da, ZBYSZEWSKI, G., LEITÃO, M., NORTH, C. T. e REYNOLDS DE SOUSA, H., 1975 — The megalithic tomb of Pedra Branca, Portugal. Preliminary report, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 41.